



## Variação e Identidade na EJA: percurso teórico, metodológico e analítico de uma pesquisa em andamento

Andréa Burgos de Azevedo Mangabeira<sup>1</sup>  
PPG Letras – UFRGS

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar alguns resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento, cuja principal meta é analisar a variação na concordância nominal de número na fala de alunos de EJA, como um recurso simbólico para a construção e negociação de suas identidades, e, portanto, como uma prática social. Considera-se aqui a perspectiva da antropologia linguística de que a variação na fala se constitui como um meio de (re) construir significados sociais localmente, através do uso de variáveis. Essas variáveis se constituem como um campo indexical de significados em potencial, ideologicamente relacionados, que podem ser (qualquer um deles) ativados no uso dessas variáveis. Outro ponto importante dessa abordagem é o seu cunho etnográfico, já que esta pesquisa busca categorias locais de pertencimento, para a geração de dados de fala. Acredita-se que, por meio da análise da organização da participação dos alunos na sala de aula, seja possível compreender que aspectos identitários se tornam de fato relevantes para os participantes da interação. Isso, porque, recorrendo à microetnografia escolar, busca-se aqui entender questões macro sociais pela observação e interpretação de interações micro sociais, como são as que acontecem na sala de aula.

**Palavras-chave:** Variação, participação, identidade.

**Abstract:** This paper aims to present some partial results regarding a master's degree research in process, which has as its main goal to analyze variation on number nominal concord in the speech of Adult Education students, as a symbolic resource in the construction and negotiation of their identities and, therefore, as a social practice. It is regarded the perspective of linguistic anthropology that linguistic variation is a mean of (re) constructing social meaning locally through the use of variables. These variables are constituted as an indexical field of potential meaning, ideologically related, which can be (any of them) activated in the use of these variables. Another important aspect on this approach is its ethnographic character, since this research seeks local categories for generating the speech data. It is believed that through the student's participation arrangement in the classroom it will be possible to understand identity issues that become truly relevant for the interaction participants. Thus, recurring to school microethnography it is aimed to understand macro social issues through the observation and interpretation of micro social interactions, such the ones that take place in the classroom.

**Keywords:** Variation, participation, identity.

---

<sup>1</sup> mangabeira.andrea@gmail.com



## 1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar uma pesquisa de mestrado<sup>i</sup> em andamento que está sendo desenvolvida pela autora desde o início do ano de 2010, com conclusão prevista para março de 2012. Assim, concluída a fase do trabalho de campo, serão apresentados aqui os principais pressupostos da pesquisa e alguns resultados parciais de análises parciais dos dados, concernindo a primeira parte da pesquisa, que será descrita mais adiante.

Na pesquisa em foco, buscou-se observar e analisar possíveis relações entre:

- a participação em uma sala de aula de Língua Portuguesa na EJA,
- a negociação de categorias identitárias locais na interação,
- e o uso de variáveis linguísticas na fala como uma prática social.

Para que esse objetivo mais amplo fosse alcançado, o trabalho foi dividido em três etapas que delineiam os objetivos mais específicos da investigação, sendo elas:

### 1ª Etapa:

- Observar que categorias identitárias se tornam relevantes para a organização da participação em uma sala de aula de Língua Portuguesa na EJA;

### 2ª Etapa:

- Relacionar a possível variação na fala a essas categorias identitárias locais e emergentes, e não a variáveis sociais estabelecidas aprioristicamente pelo pesquisador;
- Estabelecer possíveis relações entre o uso local de uma variável linguística (concordância nominal de número), e significados sociais já indexados por essa variável, no contexto macro sociolinguístico em que a interação acontece;

### 3ª Etapa:

- Interpretar que significados sociais são (re) construídos localmente pelos participantes por meio da variação na fala.

A pesquisa foi inicialmente motivada pela percepção de que a heterogeneidade de idade na Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA) é vista como um entrave pedagógico e interacional em pesquisas, e na literatura que abordam essa modalidade de ensino, bem como pela ausência de pesquisas que abordem essa questão de maneira central e sistematizada e, mais especificamente, pela perspectiva dos participantes, no intuito de investigar que traços



de identidade são de fato tornados relevantes pelos mesmos na interação. Esta preocupação envolve o caráter qualitativo/interpretativo da pesquisa, bem como seu cunho etnográfico, que reclamam, portanto, uma análise que privilegie uma perspectiva êmica, ou seja, dos participantes da pesquisa, em relação aos fenômenos descritos e analisados.

Além disso, de um ponto de vista mais relacionado aos estudos da linguagem, notou-se a existência de uma lacuna em estudos que abordem a variação na fala sob uma perspectiva micro social, nas relações estabelecidas no contexto da sala de aula, bem como na abordagem da variação na fala como recurso simbólico, na construção e manutenção de identidades em uma sala de aula.

Assim, este trabalho oferece contribuições em relação à área de ensino e aprendizagem de língua materna na EJA, já que pretende mostrar como os participantes lidam com a heterogeneidade (em diversos aspectos, não só a idade) na interação em uma sala de aula específica; para a reflexão acerca das relações que podem ser estabelecidas entre o estudo da variação linguística e o ensino e aprendizagem de língua materna; e ainda para a consolidação do estudo da variação como uma prática social no Brasil.

Ademais, contribui ainda para suscitar uma discussão acerca do caráter de complementariedade entre estudos de variação afiliados à sociolinguística laboviana (quantitativos) e à antropologia linguística (qualitativos e quantitativos - mistos), uma vez que a escolha da concordância nominal de número se deu em decorrência da existência de estudos afiliados à sociolinguística quantitativa/laboviana, que fazem uma macroanálise dessa variável no Brasil e, mais especificamente, em Porto Alegre, com os quais esta pesquisa pode dialogar. Corroborando assim para a proposição dessa relação<sup>ii</sup> de complementação, em detrimento de um conflito entre os posicionamentos teórico-metodológicos citados.

Na próxima seção, serão discutidos os principais pressupostos teórico-metodológicos do trabalho, uma vez que é muito relevante estabelecer uma rede conceitual sólida que dê embasamento e justifique tanto o projeto que originou e guiou a pesquisa – como será descrito na terceira seção – quanto as análises parciais dos dados com as quais este artigo será encerrado. Uma seção de considerações finais não foi incluída, visto que a fase de análise dos dados da pesquisa, como já afirmado, ainda está em andamento, sendo as análises parciais, portanto, o mais próximo que se pode chegar de uma conclusão acerca do trabalho.



## 2. Pressupostos teórico-metodológicos

A tradição linguística, durante anos, abordou a variação linguística na fala como um fenômeno generalizável e passível de ser entendido através de ligações diretas entre variáveis linguísticas e variáveis sociais previamente selecionadas pelo pesquisador. Essa é a concepção que subjaz os estudos sociolinguísticos acerca da variação, principalmente os de tradição laboviana, no Brasil. Dentro dessa tradição, estudos quantitativos são realizados com um grande número de participantes, divididos em categorias sociais selecionadas pelo pesquisador, que faz associações diretas entre o comportamento linguístico dos falantes e as categorias sociais a que pertencem. Esses estudos oferecem, assim, um panorama macrosocial do uso de variáveis linguísticas, fazendo um mapeamento das relações que se estabelecem, em geral, entre uma sociedade e o uso que faz da língua.

Essa é a diferença crucial entre a abordagem da variação proposta pela sociolinguística e pela antropologia linguística:

A distinção entre a sociolinguística e a antropologia linguística se tornou uma questão, na medida em que os estudos quantitativos de variação ganharam hegemonia na sociolinguística.

(...) em última instância, o empreendimento da variação (e da linguística como um todo) precisa ser integrado em um entendimento mais abrangente da linguagem como uma prática social. (ECKERT, 2008, p.1).

Essa distinção pode ser mais bem compreendida, em termos de metodologia de pesquisa e de análise, por meio do quadro comparativo abaixo:

Sociolinguística	Antropologia Linguística
<ul style="list-style-type: none"><li>○ Ligações diretas entre o uso de variáveis linguísticas e variáveis sociais estabelecidas anteriormente pelo pesquisador;</li><li>○ Metodologia quantitativa de pesquisa;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>○ Variáveis linguísticas indexalizam significados sociais, que, por sua vez, se relacionam localmente com categorias identitárias, no uso de uma variável;</li><li>○ Pesquisa etnográfica e interpretativa, para se chegar a categorias identitárias êmicas, seguida de uma pesquisa quantitativa da variação, tendo em vista essas categorias locais.</li></ul>

Figura 1

Assim, como já explicitado na introdução, ainda que este trabalho não se oponha à sociolinguística quantitativa, está mais alinhado à perspectiva da antropologia linguística,



principalmente por não propor uma análise estatística dos dados, como é relevante ressaltar. Esse alinhamento se dá pelos aspectos metodológicos que foram seguidos na geração de dados – e que serão descritos na próxima seção –, mas também e principalmente pela concepção de variação linguística aqui adotada, que entende que essa é uma prática social:

“Argumento que os significados das variáveis não são precisos ou fixos, mas constituem um campo de significados em potencial – um *campo indexical*, ou uma constelação de significados ideologicamente relacionados, podendo qualquer um deles ser ativado no uso situado de uma variável. O campo é fluido, e cada nova ativação tem o potencial de mudar o campo através da construção de conexões ideológicas.” (ECKERT, 2008, p.2)

O conceito de variação linguística como prática social é, assim, um dos conceitos mais centrais para a discussão que proponho nessa pesquisa, principalmente a discussão levantada pela linguista americana Penelope Eckert, acerca do valor social das variáveis linguísticas (Eckert, 2000; 2008). A autora, em seu principal trabalho (Eckert, 1989; 2000), consolidou a relevância de se associar a pesquisa etnográfica, em busca de categorias identitárias locais, à pesquisa sociolinguística quantitativa, partindo dessas categorias identitárias. Esta associação permite uma interpretação dos dados quantitativos/estatísticos que revela o valor social do uso de variáveis linguísticas como recurso simbólico na negociação de identidades sociais, enfatizando o status da variação linguística como prática social.

No entanto, manter-se fiel aos procedimentos metodológicos dos estudos realizados por Eckert, em um estudo de proporções menores como este, tornou-se um desafio metodológico para a pesquisa aqui descrita, já que fazer um longo estudo etnográfico da comunidade em questão, bem como do contexto em que está inserida, foge ao alcance e às possibilidades de uma dissertação de mestrado.

Assim, com vistas a solucionar esta questão, esta pesquisa recorre aos pressupostos metodológicos definidos na microetnografia escolar (Erickson, 1996; Schulz, 2007), sendo o foco da mesma o seguinte:

A preocupação central da microanálise etnográfica é com a ecologia imediata e a micropolítica das relações sociais entre pessoas engajadas em situações de interação face-a-face. (...) Dessa abordagem de análise, surge uma perspectiva particular sobre como as pessoas usam a linguagem e outras formas de comunicação ao praticar ações na vida diária. (ERICKSON, 1996, p.283)





A utilização da microanálise se justifica pelo fato de a interação abordada na pesquisa se dar no contexto da sala de aula, uma situação de interação social local, na qual, no entanto, é possível entender questões macro sociais: “Parto da premissa de que é possível se entender as questões macro sociais, políticas e históricas em um universo mais micro, o das relações sociais.” (SCHULZ, 2007, p.12)

Ainda para tratar deste desafio metodológico, uma vez que se pretende observar relações micro sociais na sala de aula, para entender questões identitárias que envolvem questões de ordem macro sociais, recorre-se ainda, nesta pesquisa, à noção de estrutura de participação também proposta por Schulz (2007):

“Assim, a noção de estrutura de participação como conceito analítico que é proposta neste trabalho diz respeito a todos esses aspectos: dos mais microsociais, como a organização da fala, a disposição física dos participantes, as relações de adaptação mútua e de ajustes das ações dos interagentes em relação aos demais, até os mais macrosociais, como a relação de todos esses elementos com os aspectos sociais e culturais presentes nas interações, especialmente com os cenários históricos, sociais e culturais dos quais os participantes fazem parte.” (SCHULZ, 2007, p.31)

Uma vez discutidos os aspectos teórico-metodológicos mais centrais para o entendimento deste trabalho, na próxima seção, será apresentado o histórico da pesquisa, desde a aproximação ao campo, até o encerramento da geração de dados. É importante ressaltar, no entanto, que outros aspectos teóricos subjacentes à realização desta pesquisa serão ainda discutidos nas seções que se seguem.

### 3. Histórico da pesquisa

A pesquisa em questão foi desenvolvida em uma escola de EJA na região central da cidade de Porto Alegre, aqui denominada Centro do Trabalhador (CT), mais especificamente, em uma T4<sup>iii</sup>, primeira totalidade do segundo ciclo do Ensino Fundamental na EJA, entre agosto de 2010 e julho de 2011. No início do segundo semestre de 2010, assim, por meio de observação participante em uma T6, foi realizada uma aproximação ao campo, com o objetivo de conseguir uma aproximação com a professora e com a escola, bem como de delinear melhor os rumos do projeto de pesquisa definitivo.



Durante essa aproximação, a questão da participação emergiu como um índice na negociação de categorias identitárias na sala de aula, e a idade como uma dessas possíveis categorias. Isso pode ser visto nos trechos a seguir, retirados do diário de campo feito em 23/09/2010:

*Nessa aula, pela primeira vez, pude perceber que os alunos se agrupam espacialmente na sala de aula por idade e gênero. (...) Os alunos presentes estavam agrupados da seguinte maneira: 2 mulheres (15/20); 2 mulheres (20/30); 3 homens (25/50); 4 homens (15/25). Como nunca tive acesso à idade dos alunos, me guio apenas pela idade aparente desses. (...)*

*Terminada a apresentação, os alunos começam a comentar. Os alunos que iniciam o comentário são duas mulheres entre 20-30 anos, essas são as que mais se autoselecionam para falar durante a discussão. Os 3 homens mais velhos permanecem calados a maior parte do tempo, mas pela direção dos olhares, tenho a impressão de estarem atentos à discussão. Já as três mulheres mais novas (15-20) conversam baixo entre si sobre a cor da unha de uma delas. A mulher que chegou mais tarde fala no celular na sala de aula, durante a discussão, em seguida, pede para sair da sala. (Diário de Campo – 23/09/2010)*

Partindo então desta observação, foi possível delinear as perguntas de pesquisa que nortearam a continuação da geração de dados, bem como norteiam sua análise, sendo elas:

1. *Como os participantes organizam sua participação na sala de aula de Língua Portuguesa?*
  - 1.1. *É possível estabelecer padrões locais de participação na realização de atividades pedagógicas de Língua Portuguesa?*
    - 1.1.1. *Se sim, é possível relacionar esses padrões à natureza da atividade pedagógica em andamento?*
    - 1.1.2. *Se sim, é possível estabelecer relações entre esses padrões e categorias sociais relacionadas à idade dos participantes?*
    - 1.1.3. *Se sim, é possível estabelecer relações entre esses padrões e categorias sociais relacionadas a:*
      - 1.1.3.1. *Gênero?*
      - 1.1.3.2. *Ocupação?*
      - 1.1.3.3. *Desempenho Escolar?*
      - 1.1.3.4. *Outras categorias emergentes?*
  - 1.2. *Há uma organização física recorrente dos participantes no espaço da sala de aula?*
    - 1.2.1. *Se sim, é possível estabelecer relações entre essa organização e categorias sociais relacionadas à idade dos participantes?*
    - 1.2.2. *Se sim, é possível estabelecer relações entre essa organização e categorias sociais relacionadas a:*



- 1.2.2.1. *Gênero?*
    - 1.2.2.2. *Ocupação?*
    - 1.2.2.3. *Desempenho Escolar?*
    - 1.2.2.4. *Outras categorias emergentes?*
  - 1.3. *Que significados sociais podem ser interpretados como mediadores das relações abordadas nas perguntas acima?*
- 2. *Em atividades pedagógicas de Língua Portuguesa, os participantes apresentam variação na fala em relação à concordância nominal de número?*
  - 2.1. *Se sim, que variantes dessa variável podem ser encontradas na fala desses participantes?*
  - 2.2. *Se sim, é possível relacionar o uso local dessas variantes à natureza da atividade pedagógica em andamento?*
  - 2.3. *Se sim, é possível relacionar o uso local dessas variantes a categorias sociais relacionadas à idade?*
  - 2.4. *Se sim, é possível relacionar o uso local dessas variantes a categorias sociais relacionadas a:*
    - 2.4.1. *Gênero?*
    - 2.4.2. *Ocupação?*
    - 2.4.3. *Desempenho Escolar?*
    - 2.4.4. *Outras categorias emergentes?*
  - 2.5. *Que significados sociais podem ser interpretados como mediadores das relações abordadas nas perguntas acima?*
- 3. *Em entrevistas semiestruturadas, os participantes apresentam variação na fala em relação à concordância nominal de número?*
  - 3.1. *Se sim, que variantes dessa variável podem ser encontradas na fala desses participantes?*
  - 3.2. *Se sim, é possível relacionar o uso local dessas variantes a categorias sociais relacionadas à idade?*
  - 3.3. *Se sim, é possível relacionar o uso local dessas variantes a categorias sociais relacionadas a:*
    - 3.3.1. *Gênero?*
    - 3.3.2. *Ocupação?*
    - 3.3.3. *Desempenho Escolar?*
    - 3.3.4. *Outras categorias emergentes?*
  - 3.4. *Se sim, é possível relacionar o uso local dessas variantes a questões relacionadas ao andamento da entrevista como:*
    - 3.4.1. *Tópico?*
    - 3.4.2. *Interlocução?*
    - 3.4.3. *Outros aspectos emergentes?*





3.5. Que significados sociais podem ser interpretados como mediadores das relações abordadas nas perguntas acima?

Com as perguntas de pesquisa definidas, iniciou-se, em março de 2011, a observação participante em uma T4, durante as aulas de Língua Portuguesa, ministradas pela mesma professora do semestre anterior, com novos alunos, no entanto. No trecho abaixo, retirado do diário de campo relacionado a uma conversa entre a pesquisadora e a professora da turma escolhida, alguns aspectos relacionados ao perfil da turma que seria observada ficam evidentes:

*“Continuei, dizendo que gostaria de estar em uma T5, já que, os alunos da T6 (última totalidade) deixariam a escola no fim do semestre, e os da T5, teoricamente, continuariam ali para finalizar o ensino fundamental, o que tornaria as coisas mais fáceis pra mim, se viesse a precisar de alguma informação adicional. Ela me disse que para ela não fazia diferença, mas que, se eu estava buscando alunos que continuariam na escola, a turma ideal era um T4 da quarta-feira à noite, que era composta, em sua maioria, por alunos que vinham da T3, ou que repetiram a T4, com um índice quase inexistente de evasão, e que, sendo assim, provavelmente, ficariam para completar a T5 no semestre seguinte. Além disso, enfatizou que aquela era uma turma **“bem EJA”, uma turma bem adulta.**” (Diário de Campo - 25/03/2011).*

Definida a turma que seria observada, iniciou-se, de fato, em março de 2011, a geração dos dados que formaram o corpus de análise desta pesquisa<sup>iv</sup>. Esse corpus é assim formado por:

- Notas de campo redigidas durante a observação das aulas de Língua Portuguesa e de duas aulas de Artes, posteriormente convertidas em Diários de Campo.
- Dados Audiovisuais gerados durante 4 aulas de Língua Portuguesa, tendo 1h30m cada.
- Entrevistas semiestruturadas realizadas com alunos, professor e equipe diretiva.
- Documentos institucionais relevantes.
- Atividades escritas realizadas pelos alunos nas aulas de Língua Portuguesa.

Descrito o histórico da pesquisa que deu origem à escolha do campo, elaboração de perguntas norteadoras, escolha dos participantes da pesquisa, e à decisão dos procedimentos utilizados na geração de dados, bem como a constituição do corpus de análise, na próxima sessão, serão apresentadas algumas análises parciais de uma parte dos dados, que concernem à primeira etapa da pesquisa, respondendo parcialmente à primeira pergunta norteadora.

#### 4. Alguns resultados parciais



A partir da análise dos diários de campo, do projeto político pedagógico da escola, e de algumas entrevistas realizadas, acredita-se que algumas asserções já podem ser feitas em relação às relações entre a participação na sala de aula e a negociação de categorias locais de identidade, não só na sala de aula, como na escola como um todo.

#### 4.1. Identidades de participação em uma comunidade de prática

Partindo do conceito de *Comunidades de Prática* (Lave e Wenger, 1991; Wenger, 1998):

Estar vivo, como ser humano, significa que estamos constantemente engajados na busca de empreendimentos de todos os tipos, desde garantir nossa sobrevivência física até buscar os maiores prazeres. À medida que definimos esses empreendimentos e nos engajamos em sua busca junto com os outros, nós interagimos uns com os outros e com o mundo, e nós sintonizamos nossas relações uns com os outros e, de acordo com essas, com o mundo. Em outras palavras, nós aprendemos.

Ao longo do tempo, essa aprendizagem coletiva resulta em práticas que refletem tanto a busca por nossos empreendimentos, quanto as relações sociais que acompanham essa busca. Essas práticas são, assim, propriedade de um tipo de comunidade criada, ao longo do tempo, pela busca sustentada por um empreendimento comum. Faz sentido, então, chamar esse tipo de comunidade de *comunidades de prática*. (WENGER, 1998, p. 45)

E da definição de participação implicada nessa abordagem: “Eu usarei o termo participação para descrever a experiência social de viver no mundo em termos de multifiliação em comunidades sociais, e envolvimento ativo em empreendimentos sociais.” (WENGER, 1998, p. 55), entende-se que alunos e professor, na sala de aula em questão, se engajam em um empreendimento comum de aprendizagem de língua portuguesa, sustentando uma prática comum, cujo desenvolvimento implica na construção de diferentes identidades de participação, das mais periféricas (legitimadas ou não), às mais plenas:

Aprendizagem, vista como uma atividade situada, tem como sua característica definidora central um processo que chamamos de *Participação periférica legítima*. Com isso, queremos dizer que aprendizes, inevitavelmente, participam de comunidades de praticantes, e que o domínio de conhecimento e habilidade requer que novos membros se movam em direção a uma participação plena nas práticas socioculturais de uma comunidade. (LAVE e WENGER, 1991, p. 29)

Bem como considerando o que a professora entende como o papel do ensino de Língua Portuguesa na EJA:

*“isso tá muito vinculado à questão da linguagem, como eles se expressam, como eles se sentem. Então, num primeiro momento, eu faço eles se sentirem à vontade comigo,*



*faço eles perceberem que eles têm sim uma vivência, uma bagagem, né? Faço eles perceberem que eu aprendo com eles (...) a Língua Portuguesa tem que estar a serviço disso, dessa expressão, seja oral, seja escrita. (...) atividades em que eles possam se expressar oralmente, se eles já estão naquela fase de perder aquela rigidez, aquele receio, aí eles começam e não param mais. Depois, eu percebo que, com o tempo, a gente consegue diminuir essa distância entre a língua falada e a língua escrita, ao longo do processo deles aqui, quando eles já estão ali na T6 é muito mais tranquilo sentar e poder se expressar de forma escrita.” (Trecho da entrevista feita com a professora da turma.)*

E as práticas nas quais alunos e professora se engajam nas atividades pedagógicas realizadas na aula de Língua Portuguesa:

*“A professora, lendo a história, faz uma interrupção ao pronunciar a palavra ‘silício’. Pergunta aos alunos se eles sabem o que significa essa palavra, todos permanecem em silêncio, então Cátia explica que é uma espécie de cinto com pontas de metal, usado por religiosos para pagar penitência. Ao dizer isso, os alunos expressam o entendimento, através de sons como “aahhh”, dentre as expressões, se destacam a de Joseane que diz “que nem as pulseira de hippie”, contribuição que é muito bem recebida por Cátia, que repete a frase da aluna para a turma; e a de Lucy, que diz “que nem a coleira do César”, pela reação da professora e dos alunos, percebo que essa é um referência a alguém ou alguma história de conhecimento geral, mas não consigo identificar o que é. Enquanto todos comentam o assunto, Santos abaixa a cabeça e Dilma diz a ele que não durma(...). Os alunos estão comentando o fim da história que a professora leu, falam ao mesmo tempo, em som alto, e riem bastante. Percebo que, entre os comentários, Santos fala de ‘padre Quevedo’ do ‘exorcista’, pois estão comentando o sentido que a palavra ‘demônios’, presente no título, ganha na história. Cátia pede que falem um de cada vez, Nilda toma o turno e começa a explicar a história, Dilma continua a explicação da colega e Santos prossegue na explicação. Cátia segue fazendo perguntas sobre a história.” (Diário de Campo – 30/03/2011)*

Entende-se que identidades de participação diversas são negociadas nessa sala de aula, incluindo a de participante pleno:

#### Traços de identidade de participação plena na t4 401:

- participação verbal,
- auto seleção para a tomada de turno quando o grande grupo é selecionado pela professora para o turno seguinte,
- sustentação do piso conversacional proposto pela professora, ou proposto por outro aluno e ratificado pela professora, ratificação verbal ou não verbal das participações dos colegas,
- tom de voz alto,
- cumprimento das tarefas,
- pontualidade,



- assiduidade,
- participação nas atividades extracurriculares da escola.

A identidade de participação plena então é a que goza de maior prestígio entre os participantes da interação, tanto alunos quanto professor, e acredita-se que esse prestígio esteja relacionado ao que se espera do aluno em seu percurso na escola, ou seja, ao seu desempenho escolar. Dessa forma, se forma um contínuo de prestígio que está relacionado às identidades de participação que são negociadas pelos participantes na sala de aula.

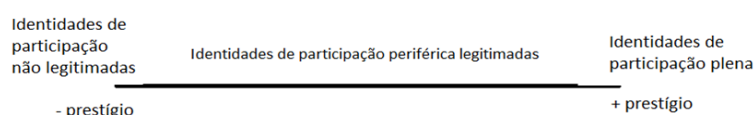


Figura 2

Assim, as identidades de participação plena seriam aquelas que negociam os traços de identidade listados anteriormente, enquanto as identidades de participação não legitimadas, localizadas no outro extremo do contínuo, seriam aquelas que vão de encontro à identidade de participação plena, ou seja, de encontro à prática da comunidade, sendo assim não legitimadas pelos outros participantes, e, portanto, marginalizadas. As identidades periféricas legitimadas, por sua vez, seriam aquelas construídas pelos participantes que, mesmo não sendo plenos, têm sua participação legitimada na prática da comunidade, tendo assim oportunidade de se engajar nessa prática de maneira periférica, bem como contribuir para sua construção e manutenção.

#### 4.2. Negociando identidades na sala de aula e na escola

Retomando o conceito de estrutura de participação formulado por Schulz (2007) e discutido na seção teórico metodológica deste artigo, as análises parciais dos dados apontam para uma relação de mutualidade entre a negociação de identidades de participação no



ambiente mais micro da sala de aula, e categorias etárias de identidade reificadas na escola como um todo como um ambiente mais macro social. Essa orientação analítica é corroborada pela definição de identidade formulada por Wenger, 1998:

Uma identidade é, assim, mais do que uma trajetória única; ao invés, deveria ser vista como um nexos de multiafiliação. Como tal nexos, identidade não é uma unidade, mas também não é simplesmente fragmentada. (...) Práticas diferentes podem fazer exigências que competem entre si, e que são difíceis de serem combinadas em uma experiência que corresponde a uma única identidade. (...) Reconciliar esses aspectos da competência exige mais do que aprender as regras do que fazer e quando. Exige a construção de uma identidade que pode incluir esses significados e formas de participação diferentes, em um nexos. (WENGER, 1998, pp.159-160)

Estas categorias reificadas no ambiente escolar em questão seriam categorias etárias de alunos Jovens e Adultos, a construção dessas categorias é simultânea à das identidades de participação na sala de aula, sendo processos diferentes, ainda que interdependentes.



Figura 3

Vale ressaltar que a idade cronológica dos participantes é apenas um entre muitos traços que formam estas categorias, traços esses que vêm de diversos significados sociais distribuídos no curso da vida de um indivíduo (Eckert, 1998). A construção dessas categorias é um processo muito mais complexo, relacionado a aspectos negociados nas interações entre os participantes:

*“Gabriela que começa a falar a respeito da situação dos alunos adultos. A orientadora diz que qualquer escola de educação básica é obrigada por lei a aceitar alunos menores de 18 anos, e não pode aceitar alunos maiores de 18 anos. Por isto, o Paulo Freire é uma escola para adultos. A orientadora diz que entende o motivo de alguns alunos adolescentes estarem ali, por precisarem trabalhar o dia todo, e por terem uma “vida de adulto”. Lili toma o turno, e diz que o nome da escola já diz que é uma escola para trabalhadores, seja de que idade for, e que não é uma escola para quem quer ficar fazendo o que for durante o dia, e prefere estudar a noite, sem levar a escola a sério. Gabriela diz que a escola, dali em diante, tomará medidas protetivas que favoreçam os alunos trabalhadores, para que seja garantido que eles possam estudar. Durante toda*





a fala, as duas mulheres enfatizam bastante a questão de os alunos mais novos estarem importunando os mais velhos.” (*Diário de campo* - 11/05/2011)

“Vejo que Violeta fala com Rita a respeito da outra turma, dizendo que a ‘a gurizada’ faz muita bagunça, e fala de uma aluna ‘a colega coitada fica sozinha lá, podiam trazer ela pra nossa turma, né, professora?’, Rita faz um movimento afirmativo com a cabeça, e diz que vai ver com o pessoal o que podem fazer.” (*Diário de campo* -11/05/2011)

“Rose me relata a história de um aluno que veio da educação regular, e andava triste pela escola, e, quando questionado por ela se não estava gostando da escola, diz que não, que a escola não tem onde correr, só tem velho, não tem espaço. Assim, Rose começa a falar da questão do aluno “Jovem” nas palavras dela que quer correr, brincar de pegar, porque tem energia, e o CMET, como uma escola pensada para adultos, não tem espaço, não tem pátio, somente salas de aula.” (*Diário de campo* – 22/06/2011)

Esse processo reflete também questões políticas, históricas e sociais tanto da escola como do sistema educacional brasileiro:

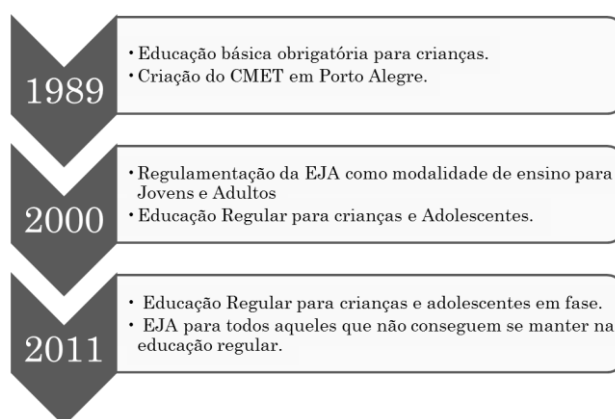


Figura 4

Assim, se forma mais um contínuo de negociação de identidade e prestígio na escola:

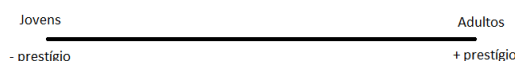


Figura 5

Por meio dessas análises parciais, a pesquisa chega então a um entendimento social e local de categorias identitárias, e, mais especificamente, categorias etárias, que se constroem também pela idade cronológica dos participantes, mas que não são por ela determinadas. Ser



Jovem e ser adulto no Centro do Trabalhador (CT) tem um significado específico, que se tentou sintetizar no quadro abaixo:

SER JOVEM NO CT	SER ADULTO NO CT
<ul style="list-style-type: none"><li>o Recém-egresso da educação regular,</li><li>o fracasso escolar (repetência), atrasos, faltas não justificadas por trabalho,</li><li>o participação verbal em sobreposição à professora ou aos colegas, não sustentação do piso proposto ou ratificado pela professora, conversas paralelas longas, uso do celular na sala de aula, falta de seriedade com os estudos,</li><li>o não cumprimento das atividades pedagógicas propostas, muita participação verbal nas aulas, muita autoseleção para o turno de fala quando o grande grupo é selecionado pela professora como interlocutor primário, tom de voz alto,</li><li>o pouca participação nas atividades extracurriculares oferecidas na escola,</li><li>o não se sentam sempre nos mesmos lugares</li><li>o idade cronológica entre 15 e 18 anos.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>o Muitos anos fora da escola, histórico de abandono do ensino regular ou da própria EJA,</li><li>o trabalhador (a), pai/mãe de família, atrasos e faltas justificadas pelo trabalho,</li><li>o sustentação do piso proposto ou ratificado pela professora, participação nas aulas pelo direcionamento do olhar, gestos e cumprimento das atividades pedagógicas,</li><li>o conversas paralelas curtas, pouca participação verbal nas aulas, pouca autoseleção para o turno de fala quando o grande grupo é selecionado pela professora como interlocutor primário, tom de voz baixo,</li><li>o opção por se sentar ao fundo da sala, em geral, nos mesmos lugares,</li><li>o participação nas atividades extracurriculares oferecidas na escola,</li><li>o maiores de idade (idade cronológica).</li></ul>

Figura 6

A construção local desses significados abre espaço para mais uma discussão que trata a respeito do que significa ter prestígio na comunidade de prática que emerge na sala em questão, e como esse prestígio se relaciona com o que significa ter prestígio na escola Centro do Trabalhador como um todo, uma vez que, como já afirmado anteriormente, as duas negociações são processos interdependentes que refletem um ao outro.

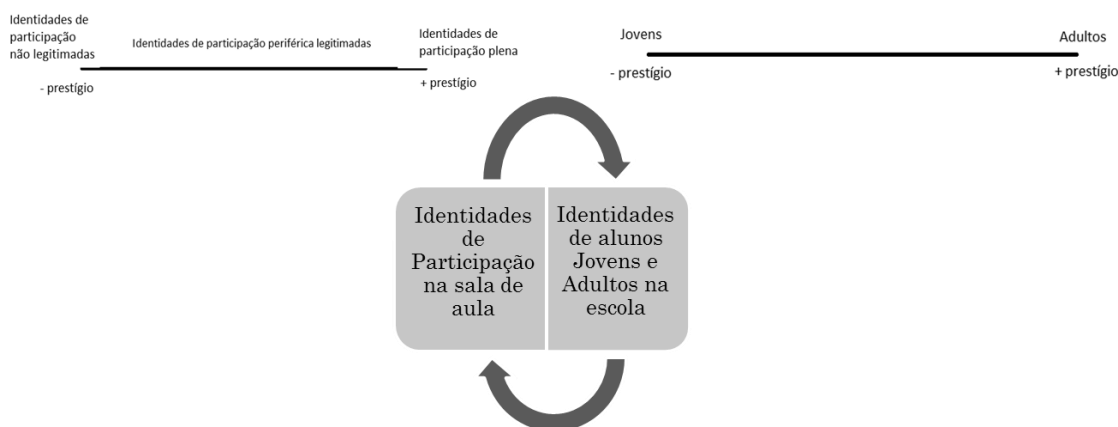


Figura 7

<sup>i</sup> A pesquisa em questão está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na especialidade de Linguística Aplicada, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciene Juliano Simões.

<sup>ii</sup> Para um aprofundamento desta discussão, ver Eckert (2008) e Gumperz e Cook-Gumperz (2008).

<sup>iii</sup> Considera-se aqui importante não fazer correspondências entre as totalidades, por meio das quais a EJA é dividida, e as séries que dividem o ensino regular. Isso, porque a concepção que subjaz este trabalho é a de que a EJA precisa ser abordada como uma modalidade de ensino conjuntamente com suas peculiaridades, e não apenas como um contexto de ensino ou pesquisa.

<sup>iv</sup> Importante ressaltar que se considera aqui que a geração de dados foi iniciada no segundo semestre de 2010, quando se deu a aproximação ao campo, já que esse período influenciou diretamente as decisões metodológicas da pesquisa, e, portanto, o caráter dos dados gerados. No entanto, o corpus de análise de dados que foi sistematicamente revisitado para responder as perguntas de pesquisa é o que está descrito no trecho a que esta nota se refere.

## Referências

- ECKERT, P. (1989) *Jocks and burnouts: social categories and identity in the high school*. New York: Teachers College Press.
- \_\_\_\_\_. (1998) *Age as a sociolinguistic variable*. In: COULMAS, F. *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell. p. 151-167.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell.
- \_\_\_\_\_. (2008). Variation and the Indexical Field. *Journal of sociolinguistics* 12(3): 453-476.



- 
- ERICKSON, F. (1996). Ethnographic Microanalysis of Interaction. In: MCKAY, S.L. & HORNBERGER, N.H. (Orgs.). *Sociolinguistics and Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 283-306.
- LAVE, J.; WENGER, E. (1991). *Situated Learning. Legitimate Peripheral Participation*. New York: Cambridge University Press.
- SCHULZ, L. (2007). *A Construção da Participação na Fala-em-interação de Sala de Aula: Um Estudo Microetnográfico sobre a Participação em uma Escola Municipal de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.
- WENGER, E. (1998). *Communities of Practice*. New York: Cambridge University Press.